

Uma das primeiras escolas a ser erguida no Distrito Federal, o Centro de Ensino Fundamental Metropolitana guarda em suas paredes as lembranças de gerações. E luta para sobreviver aos efeitos do tempo

Fotos: Cadu Gomes



A ESCOLA DO NÚCLEO BANDEIRANTE FAZ PARTE DA VIDA DE APARECIDA ALICE MACEDO. LÁ, ELA ESTUDOU, MOROU, TEVE FILHOS, QUE TAMBÉM SE TORNARAM ALUNOS. HOJE, CIDA É A MERENDEIRA DO COLÉGIO

DF - Educação

A VELHA ESCOLA DE MADEIRA

GUILHERME GOULART
DA EQUIPE DO CORREIO

As estruturas ainda são de madeira. Do tempo em que o Núcleo Bandeirante se chamava Cidade Livre. Resistem há 45 anos, antes mesmo da inauguração de Brasília. Ali, nas salas de aula do Centro de Ensino Fundamental Metropolitana, alfabetizaram-se as primeiras gerações de Brasília. Dos filhos dos migrantes recém-chegados aos dos operários da capital. Mineiros, goianos, nordestinos. Todos brasileiros.

Gente como a merendeira Aparecida Alice Macedo, 48 anos. A mulher desembarcou em Brasília em 25 de abril de 1965. Tinha 13 anos e a companhia dos pais. Logo admirou-se com a terra vermelha e os esqueletos de concreto. O canteiro de obras em nada lembrava o distante Nordeste. Na Brasília do início da década de 60 existia apenas uma zona urbana, a Vila Metropolitana. E para lá a família se mudou. Desde então, fizeram da única escola da região a história da vida deles.

A mãe de Cida, funcionária da Fundação Educacional, conseguiu emprego na Metropolitana, que atendia do pré-escolar a 4ª série. Também como merendeira. Mais além, o pai ganhou um ofício no mesmo local. Era o vigia. Todos moravam em um quarto nas próprias instalações do colégio. Os três filhos do casal cresceram em um pequeno cômodo. E estudaram sob o mesmo teto de madeira.

Depois de 35 anos, Cida permanece fiel ao colégio onde tudo começou. Prepara diariamente as refeições dos novos alunos. Lembra com carinho de cada dia como estudante, época em que batizou o lugar como a *Metro*. "Aqui eu me criei, casei e engravei duas vezes", or-



“
TEM PARTE QUE PARECE UMA
ESTUFA. AQUECE MUITO NAS HORAS
MAIS QUENTES DO DIA. A ESCOLA
NÃO PODE MORRER, FAZ PARTE DA
MEMÓRIA DE BRASÍLIA E DO PAÍS
”

Maria de Fátima Araújo Nascimento,
diretora do Centro de Ensino Fundamental Metropolitana

gulha-se. Os filhos cumpriram a tradição da família. Vestiram o uniforme com o nome de uma das primeiras escolas da capital.

A professora Cláutenes Mourão de Oliveira, 59, é do tempo da Cida adolescente. Em 1965, chegou a Brasília, vinda de Bambuí, em Minas Gerais. A jovem normalista de 17 anos debutou na profissão no Centro de Ensino Fundamental Metropolitana. Deu aula para adultos, antes mesmo de passar em sexto lugar entre os seis mil candidatos do concurso da Fundação. Já servidora pública, assumiu as turmas da criança.

"Eram apenas três pavilhões, apenas dois para as salas de aula. Mesmo assim, não havia nada melhor", diz. Professor da Cidade Livre era admirado. Os pais dos alunos procuravam a tia Cláutenes para saber em quem ela iria votar nas próximas eleições. A mineira ga-

nhou reconhecimento e nunca mais saiu de perto da escola. Mora a duas quadras do prédio desde os anos 60.

Hora da merenda

A aposentadoria veio há 11 anos. Depois de 32 à frente de incontáveis alunos. Em 45 anos, mais de dez mil crianças e adultos foram alfabetizados nas salas de aula da *Metro*. "Com muito orgulho digo que fui professora dos pais, dos filhos e dos netos da Metropolitana." Todos os anos, um aluno que se tornou médico liga no dia do aniversário. Pelos ensinamentos dela, passaram nomes que hoje são públicos no Distrito Federal.

Um deles é o do delegado Domingos Sávio Dutra Barreto, titular da Delegacia de Falsificações e Defraudações (DEF), da Polícia Civil do DF. Ele frequentou a Metropolitana no início da década de 70. Coursou o primário. Veio a

Brasília junto com o irmão só para estudar. Morava com os tios na Cidade Livre. Os pais viviam em uma zona rural de Formosa (GO).

A escola fez parte da vida do delegado por três anos. O policial tem na lembrança os dias dedicados aos exercícios de Moral e Cívica. As quintas e às sextas-feiras cantava o Hino Nacional e encenava peças de teatro. Também cultivou na horta dos alunos. A hora mais marcante, porém, chegava com a entrega da merenda. "Recebíamos um *todinho* que era uma delícia. Não esquecerei jamais da arquitetura da Metropolitana. Tem de ser preservada", afirma Domingos Sávio.

Problema

Quase meio século depois da inauguração, o prédio do Centro de Ensino Fundamental Metropolitana cresceu e ama-

duceu. Mas também sofreu o desgaste dos anos. Os principais inimigos são cupins, fios expostos e ligações elétricas improvisadas. Alguns departamentos correm risco de incendiar. Em outros, os insetos abrem cicatrizes nas paredes. "Tem parte que parece uma estufa. Aquece muito nas horas mais quentes do dia. A escola não pode morrer, faz parte da memória de Brasília e do país", avisa a diretora, Maria de Fátima Araújo Nascimento.

Hoje, são 1,8 mil estudantes, de 1ª a 8ª séries, matriculados por ano letivo — na época da construção de Brasília não se chegava nem à metade. O aumento do número e alunos e a idade exigiram reformas. Duas delas realizadas na década passada. A maior foi realizada em 1990, quando a estrutura até então intocada aumentou de tamanho. Continuaram as paredes de madeira, mas chegaram outras de alvenaria.

Antes da segunda intervenção, a Metropolitana ganhou um importante aliado para garantir a existência: o tombamento pelo Patrimônio Histórico do Distrito Federal em 1995. Mais obras vieram dois anos depois. Houve reforma no piso e no revestimento de madeira. Menos de uma década à frente da escola, a atual direção teve de encaminhar mais um pedido à Secretaria de Educação do DF para a realização da manutenção do local.

A previsão é de que as obras sejam iniciadas até o fim deste ano. Serão investidos R\$ 539 mil, aprovados pela Lei Orçamentária do DF em 2003. "A escola faz parte do plano de obras para 2004. Se existe alguma demora, é por causa do tombamento", explica a diretora de Planejamento da Secretaria de Educação, Mara Gomes. As modificações serão feitas em parceria com arquitetos da Secretaria de Cultura.